

Diálogo telefônico (gravado) entre o Juiz e o radiorepórter

Às 11.40 da manhã do dia 4, o radiorepórter Saulo Gomes fez uma ligação para o Juiz Souza Netto. Eis a gravação:

(Na sala ouve-se o sinal do telefone chamando...)

JUIZ — Tribunal do Júri.

REPÓRTER — Aqui é o repórter Saulo Gomes, muito bom dia. Aqui é da Emissora Continental. O Dr. Souza Netto, por gentileza.

JUIZ — É ele quem está falando.

REPÓRTER — Ah, Dr., como vai, bem?

JUIZ — Bem.

REPÓRTER — O Sr. ouviu o programa de ontem?

JUIZ — Ouvi, sim.

REPÓRTER — Ah, chegou a ouvir, não é?

JUIZ — É.

REPÓRTER — Aliás nós divulgamos logo depois também uma nota que se prende à homenagem que vai ser prestada ao Sr. . . .

JUIZ — É, foi logo depois.

REPÓRTER — . . . continuamos inclusive divulgando. Eu atrasei um pouquinho mas é que eu estava na rua trabalhando, o Sr. sabe, nós não temos hora certa. Nós anunciamos ontem após o programa a palavra da mãe de Aída Cúri. Entretanto, como havia combinado com o Sr., se o Sr. concordar em se completar aquêlê trabalho iniciado, com outra entrevista, nós deixaremos a dela para amanhã, para evitar aquilo que o Sr. não quer que aconteça, ou seja, estabelecer polêmica com pessoas diversas.

JUIZ — Aquilo por hora tá encerrado, ouviu? . . .

REPÓRTER — Perfeito. A respeito da nossa entrevista, como o Sr. sabe, ontem à noite eu lhe falei uma das perguntas que gostaríamos de saber, que reputamos de muita importância, mas como foi objeto de conversa particular, ou melhor ainda, o Sr. não autorizou a divulgação antes daquela gravação, na sua residência, no dia 2, nós gostaríamos de saber se podemos tornar pública essa entrevista, naturalmente com o seu conhecimento prévio. Seria justamente a respeito daquele detalhe quando o Sr. citou que chegou mesmo, a exemplo de outras pessoas, a admitir a hipótese tivessem os rapazes morto a môça lá no edifício, no alto, e o Cácio descido, naturalmente chamado o Coronel Adauto, e os quatro lá em cima raciocinaram em função de um só objetivo, ou seja, esconder o crime, e não encontraram outra solução senão jogar o cadáver lá de cima, para formar, dar idéia de suicídio. O Sr. deve se lembrar daquele detalhe citado pelo Sr. Mas como o Sr. nos pediu reserva é que nós gostaremos de saber se inclusive nessa entrevista, se o Sr. consentisse, o Sr. poderá permitir seja feita esta pergunta para tornar público. Como é um terreno que ninguém saiu ainda por êle, ninguém abordou. . .

JUIZ — Não, mas aquilo foi uma coisa que se falou, eh, eh, se murmurou, se comentou, mas não houve uma acusação direta, precisa eh, eh, é uma coisa muito delicada uma pessoa assumir a responsabilidade para divulgar isso, coisa que possivelmente teria acontecido, né?

REPÓRTER — Sei.

JUIZ — Quer dizer, isso se comentou, foi muito comentado, aliás, mas é... são êsses comentários que circulam, que passam de um, de um lado para outro mas sem paternidade, né?

REPÓRTER — Sei.

JUIZ — Quer dizer, foi uma coisa que aconteceu e é possível, é uma hipótese até cogitável, né?

REPÓRTER — Sei, exato.

JUIZ — É, é uma coisa delicada para a gente enfrentar sem ter um indício, uma base concreta, né?

REPÓRTER — É.

JUIZ — Porque parece uma imputação falsa, né? Porque não tem uma base num fato, na hora em que aparecer a base do fato fica fácil.

REPÓRTER — Exato. É porque justamente entre outras informações eu não estava aqui na hora, quando o meu colega Bruno recebeu um telefonema do Dr. Araujo Lima e soubemos inclusive que um advogado teria aventado aquela hipótese da história, de êle ter matado a môça e o Coronel ser chamado...

JUIZ — Eh, falou-se mesmo nisso mas isso é uma coisa que... não há indício disso no processo, né? Além disso tinha uma certa pretensão porque tinha ligação lá aquela coisa mas, de que tivesse pròpriamente participado, só conjectura, né?

REPÓRTER — Pois não.

JUIZ — Foi só de memória, uma coisa, mas não há uma prova-base em nada, não há prova disso, né?

REPÓRTER — Ah, pois não!

JUIZ — De modo que é uma coisa que é melhor deixar de “quarentena”.

REPÓRTER — Sei. Quer dizer que então nesse caso se nós voltarmos hoje já sabemos que não vamos ter... mas se voltarmos a esta entrevista aqui com o Sr. então não se pode ou não se deve entrar...

JUIZ — Eh, não, não, porque...

REPÓRTER — ... com êsse detalhe com relação ao Sr...

JUIZ — Eh, não, não, porque isso é uma coisa que eu não quero falar sôbre isso, porque eu não... não... não há prova disso, né?

REPÓRTER — Pois não.

JUIZ — Eu não vou... comentário que voeja... essa coisa mais sem base no fato, né?

REPÓRTER — É. Mas justamente quando cheguei aqui o Pallut falou, disse “olhe, essa hipótese levantada nessa conversa, essa hipótese já havia sido comentada”.

JUIZ — Eh, foi exato.

REPÓRTER — Nós poderíamos entrar por êsse terreno do homem, do Coronel Aduino ter entrado, ter tomado esta posição...

JUIZ — Eh, foi comentado mesmo, apenas comentado... né? É uma coisa aérea... Eu não escondi nada sôbre o fato do qual se pudesse deduzir esta atitude dêle, êsse comportamento dêle.

REPÓRTER — Perfeito.

JUIZ — Não encontrei, não, pode ser que haja, né? Isso aliás não é muito difícil aparecer, né?

REPÓRTER — É.

JUIZ — Tem que ficar só no terreno de conjeturas mesmo.

REPÓRTER — Não, porque nós só entraríamos para êste terreno e aí seria na própria entrevista com o Sr. procurando recapitular aquela nossa palestra antes da gravação, na sua residência, se porventura ficasse, o Sr. dissesse “não, é uma hipótese realmente”.

JUIZ — Eh, mas...

REPÓRTER — É uma coisa particular, minha, mas que o Sr. pode tornar pública ou não pode.

JUIZ — Eu prefiro não ser veículo dêsse temário, porque é uma coisa aérea, não é, sem base, eu não conheço nenhum fato que possa servir de base a êsse comentário. Isso foi o que eu disse, cogitou-se, falou-se, muita gente sabe disso, mas é melhor não falar nesse assunto.

REPÓRTER — Pois não.

JUIZ — Vai agravar a coisa, complicar mais e sem prova, não é?

REPÓRTER — Pois não.

JUIZ — Ou se é para evitar... não, não constrói, né?

REPÓRTER — Certo.

JUIZ — Quer dizer que aí já não é nem para esclarecer, é mais para causar uma certa confusão, um mal-estar, êsses elementos que devem ser evitados, né?

REPÓRTER — Pois não.

Dr. Souza Netto, agora para nossa orientação, há um prazo limitado para decisão da Câmara Criminal sôbre a sua decisão, não?

JUIZ — Aquilo a Câmara julga conforme o volume de trabalho lá.

REPÓRTER -- (Mais um minuto fora do tema).